



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O ACASO JUSTICEIRO



«Pé Levinho» e «Pé Ligeiro» foram, um dia, roubar laranjinhas ao pomar do lavrador «Zé Rendeiro», que as tinha, com tão bom cheiro, que eram mesmo de tentar...

Mas, nisto, vai senão quando, «Pé Ligeiro» e «Pé Levinho» no meio do servicinho, as laranjas apanhando, ouvem o dono gritando, entre enorme borborinho.

Logo em fuga, o «Pé Ligeiro» atira ao meio do chão uma lata de alcatrão... Nisto, o Acaso justiceiro faz com que o seu companheiro fique colado no chão.



LOLITA

por TOUTINEGRA

Voltavam da lição de música as duas, Maria Luiza e Germana. Caminhavam silenciosas. Ao voltar de uma esquina, quasi esbarraram com outras duas meninas. Então, Maria Luiza, ao vê-las, exclamou:—Olha a Lolita!—Conheces? perguntou Germana—Sim, voltou-lhe a outra, aquela morena que vai do lado do passeio, mas só sei que lhe chamam Lolita. Presenciei uma acção dela, que atesta ser possuidora de um nobre coração.

Conta, pediu Germana. Maria Luiza acedeu e começou:—Fui passar, há três anos, oito



dias da estação calmosa a casa de uma amiga, no campo; tinha então 13 anos. Na penúltima noite que lá estive, saímos, como sempre o fazemos, depois de jantar, na companhia de mais duas meninas nossas vizinhas. A noite estava linda. O luar, no seu máximo esplendor, dava ainda mais encanto àquela aldeia, fazendo alvejar as casinhas caiadas de branco, por entre os ma-



ços de verdura, que as rodeavam. Cortando o silêncio, apenas se ouviam vozes de animais e um

tambôr rufando ao longe. O que seria? — pensamos — e, cheias de curiosidade, abalámos, em desordenada correria, para o largo da aldeia, ainda distante.

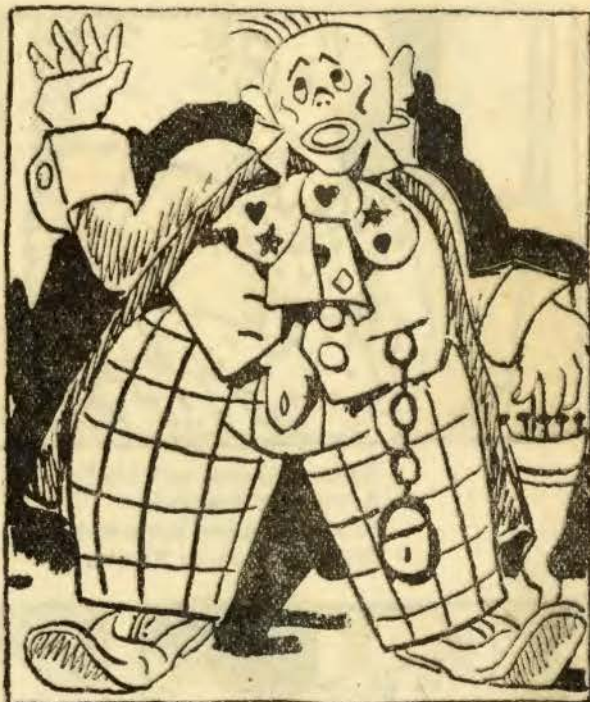
Chegadas lá, ficamos radiantes; havia espectáculo de saltimbancos, ao ar livre. Já tinha começado e uma enorme roda de garotos, com menos idade do que nós, riam a bom rir com as disparatadas brincadeiras de um palhaço velho e muito feio.

Ficamos, também, vendo o espectáculo. A certa altura surgiu detraz de um biombo uma rapariguita com os seus 7 anos, vestida com uma espécie de fato de bailarina, com o corpo em setim desbotado e coberto de lantejoulas já sem brilho e a saia em tule, caindo aos pedaços. Ia bailar; e á descompassada toada de uma música, saída de três velhos instrumentos, começou erguendo, desgraciosamente, as pernas e os braços. Já durava há imenso tempo a dansa.

A pequena, muito cansada, tossia, de quando em quando, olhando, como que implorando misericórdia, para o velho palhaço, chefe do bando. A ordem para descansar não chegava e ela, no último dos esforços, tossiu mais violentamente e deixou-se cair em cima do esburacado tapete, onde estivera dansando. O velho ergueu-se furioso, praguejou a meia voz e dirigiu-se a ela com um pau, a-fim-de castigar a pobre bailarina.

Inda não tinha chegado junto dela, ouviu-se uma vozita trémula: Não lhe bata, eu danso o resto. E, acto contínuo, surgiu no tapete uma gentil menina, que devia ter a mesma idade da antecedente, erguendo nas pontas dos dedos a saia rodada do vestido e dansando, ao som da mesma musica que não parava e que ela fazia esquecer ser desafinada, tão graciosamente dansava. O velho palhaço quedou extático e ainda mais surprezo ficou quando começou a ver cairem-lhe em re-

dor imensas moedas que os espectadores, aplaudindo o lindo gesto da menina, lhe atiravam. Esta, envergonhada por se ver alvo de tantas atenções, fugiu, então, seguida pela mãe.

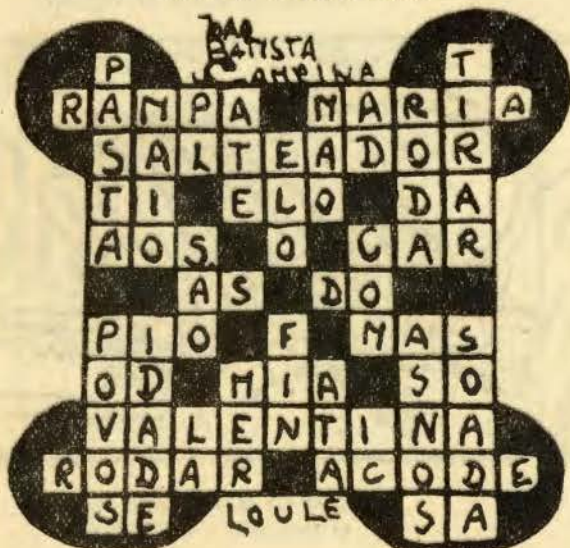


Voltei a vê-la no dia seguinte, quando me retirava e soube, então, que lhe chamavam Lolita e que estava veraneando nessa aldeia. O que ela fizera impressionou-me tão vivamente, que não mais esqueci seu rosto encantador.

Dizendo isto, Maria Luiza calou-se e Germana, muito comovida, balbuciou a custo: Felizes pais que têm uma filha com tão formosa alma! E seguiram, silenciosas, enquanto a tarde esmorecia...

■ ■ ■ ■ ■ FIM ■ ■ ■ ■ ■

ADIVINHA



Solução do numero anterior

CORRESPONDENCIA

Mariana Gaspar de Sousa Feres—O teu pedido não pode ser satisfeito, por enquanto. Lê primeiro muito e vai depois escrevendo mas... pouco. Devagar se vai ao longe...

Francisco X Y Z—O teu trabalho vai ser sujeito á apreciação do nosso director. Não desanimes em caso algum.

Alberto Mira Sena—Os teus desejos serão satisfeitos mas o teu segundo alvitre é de impossível realisação.

Zulmira Costa Ramos—Agradecemos muito reconhecidos, as tuas boas palavras.

Ana Maria P. Lemos—Os teus desenhos não estão nas condições de serem publicados por virem feitos a lápis. Envia outros a tinta da China pois só assim darão boa reprodução.

Lembranças a todos do

<TIO PAULO>.

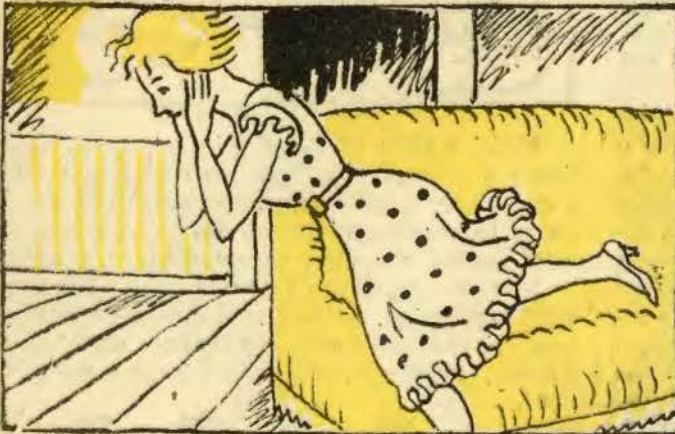
A Pele



Sobre um sofá assentada,
A menina Felisbela
Esperava o seu namorado
Rodrigo Mendes Vizela.



Eis aparece o Vizela
(Não é lá rapaz que emigre)
E jura amor de joelhos
Em cima da pele do tigre.



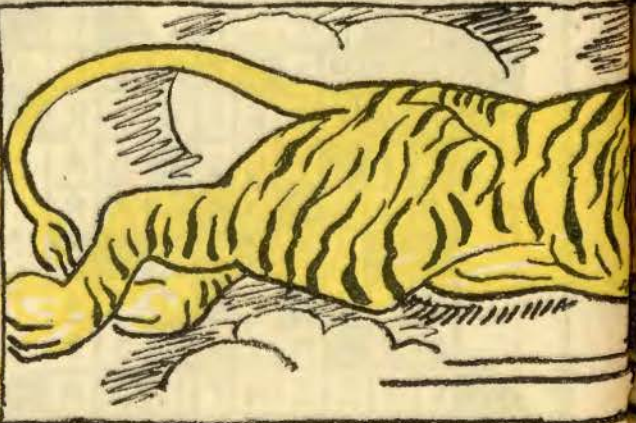
Temendo — (razões teria), —
Que a bengala faça jogo,
A pobre da Felisbela
Dá ás de Vila Diogo.



E receiando, também,
Alguma ensaboadela,
Debaixo da pele do tigre,
Vai esconder-se o Vizela.



Estou perdido... perdido!...
Santo Deus, vê se me acodes!...



E ei-lo que deita a fugir,
O desgraçado jagodes.

Do Tigre

por JAIME PERES E CASTANÉ



Mas vai daí, senão quando,
Sentem ao longe rumor...
O que altamente atrapalha
O tal colóquio de amor.



Quem será quem não será?!...
(Oh! incerteza que os rala),
Era o pai da rapariga
Que abriu a porta da sala.



Aparece o pai zangado,
Quási não pode conter-se...
Mas fica assarapantado
Ao ver a pele a mexer-se!



Solta dois berros de horror;
A morte próxima espera,
Porque julga ter entrado
Dentro da jaula da féra.



Enfia pelo seu quarto,
A porta fecha com custo.

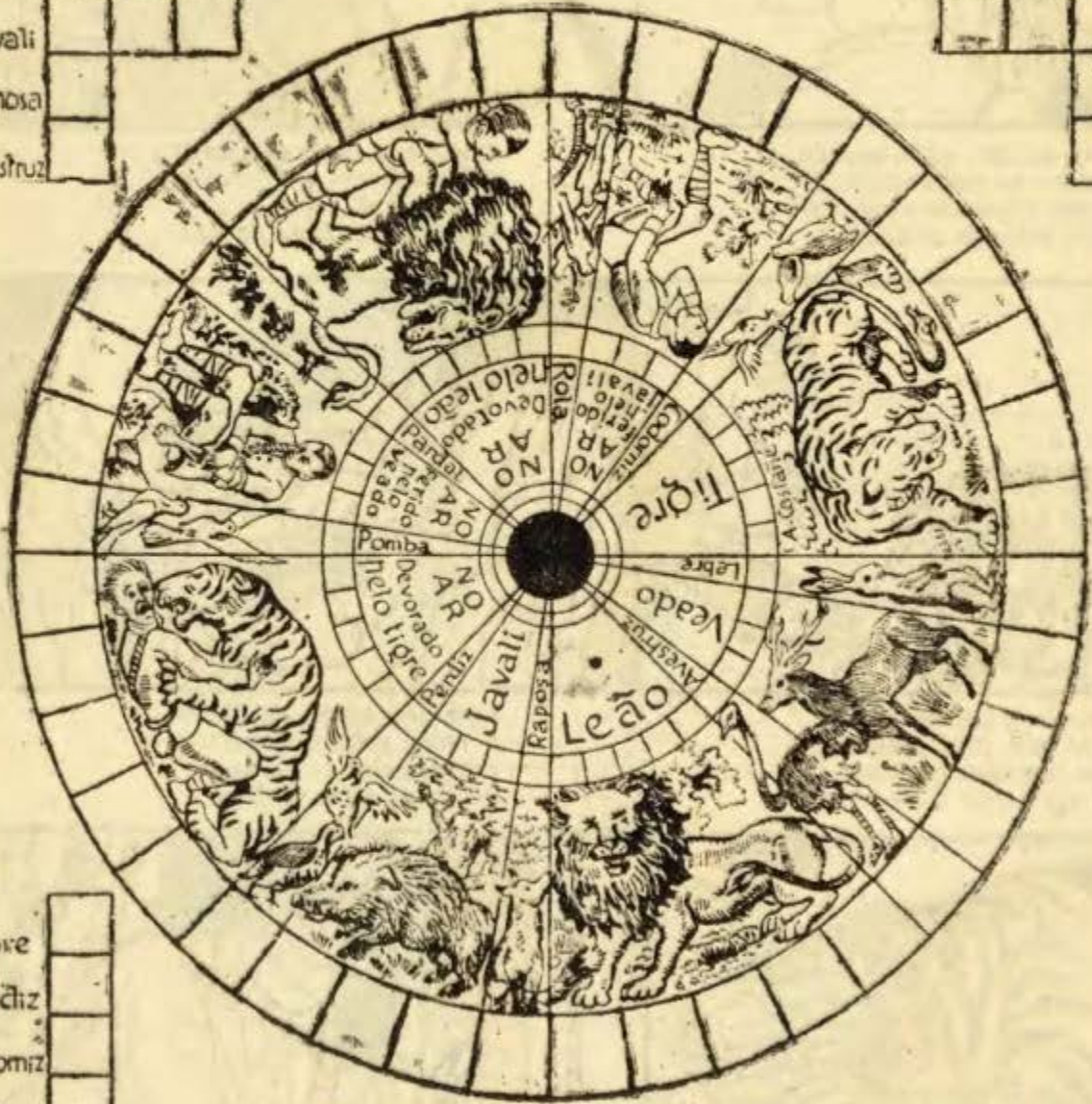


E hoje diz a toda a gente
Que não ganhou para o susto.

JOGO da Caça

Leão
Tigre
Veado
Javali
Raposa
Avestruz

Marcação
dós tiros



Lebre
Perdiz
Codorniz
Rola
Pardal
Pombo

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40

HORA DE RECREIO

JOGO DA CAÇA MANEIRA DE JOGAR

Cada parceiro toma o seu impresso e, na extremidade da circunferência, vai dispendo, saltada e arbitrariamente, a numeração de 1 a 40.

A' medida que os antagonistas vão disparando os três tiros da praxe, marcam-se, respectivamente, sôbre o limite superior, em correspondência á numeração de baixo; e, para controle, conforme o adversário vai indicando, os animais alvejados, faz-se a devida indicação na marcação acima.

O objectivo do jogo consiste em matar todos os animais sem se ser devorado pelo leão ou tigre, porque, em qualquer destes casos, o adversário ganha o jogo, mesmo sem ter atingido toda a caça.

E'-se devorado pelo leão ou tigre, apenas quando os tiros atinjam os cinco quadrados numerados do sector oposto ao das respectivas feras.

E'-se ferido pelo veado ou javali, quando os tiros alcancem os três quadrados do sector oposto ao destes animais, e, em qualquer destes casos, o jogador perde a sua vez de jogar, dando, portanto, o antagonista seis tiros seguidos.

Não se é morto nem ferido pelas feras, embora se atinja todo o sector oposto, quando elas já tenham sido mortas.

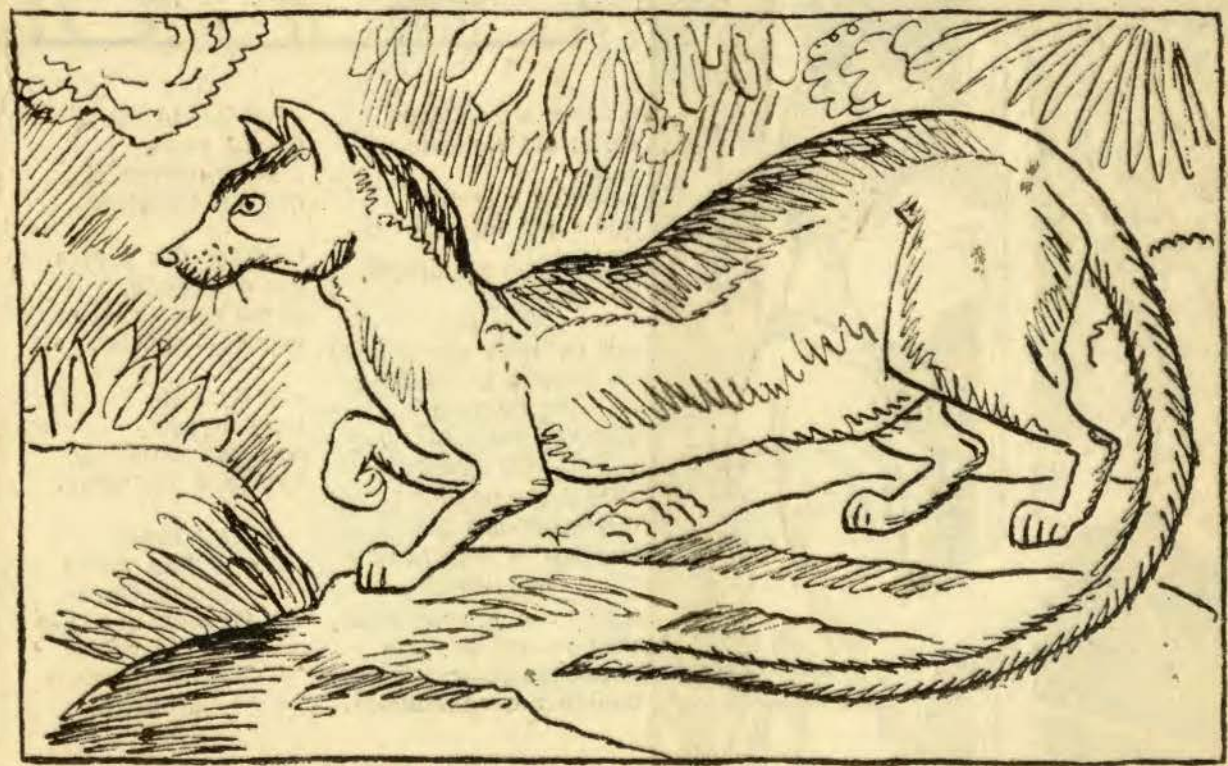
A' medida que os tiros vão sendo dados, vão-se riscando os mesmos na tabela abaixo, para evitar a repetição dos tiros.

ADIVINHA



MEUS MENINOS:—Vejam se descobrem como se chama esta menina

PARA OS MENINOS COLORIREM



O PUMA EYRA—(Felis Eyra)

A CHUVA

Por H. ALVES NUNES

Vendo da janela, a chuva
cair,
por entre as vidraças
já baças,
o Juca a sorrir
olhava, contente,
a gente
que via a fugir
com medo, correndo,
batendo
o queixo de frio.

E enquanto caía
a neve: que fria!
teve um arrepio
o Juquinha, ao vê-la!

mas logo sorriu
vendo estatelado,
no chão encharcado,
alguém que caiu!

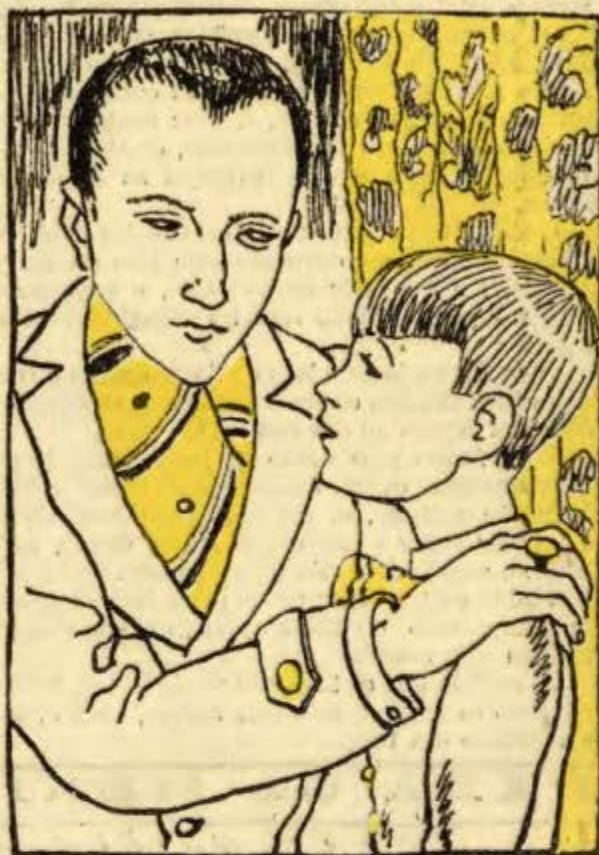
Então, o Juquinha,
com vago consolo,
sorridente via
a neve (que fria!)
batendo no solo.

Por entre a vidraça,
«a chuva maldita
não passa!...»
pensava, contente
de ver toda a gente
corrêr,
enquanto abrigado,
ali,
todo entusiasmado,
sorrria
p'ra si.

Pois tais imbecis,
(pensava, dizia) —
que via passar,
par'ciam ter gosto
em chuva apanhar!

Fizessem como êle
que em casa ficava
enquanto chovia,
enquanto nevava.

Porém, nisto, chega
o pai encharcado
do Juca,



e vendo-o o pequeno,
assim tão molhado,
sereno,
pregunta o motivo
que o pai fez sair.

Tomando-o nos braços,
de mansinho,
o pai
que os mais puros laços
de amor e carinho
ao filho ligavam,
com voz paternal
lhe disse:

«Tu deves saber
que todos devemos
cumprir a palavra
que demos».

«Quer chova, quer vente,
nem mesmo por isso
devemos deixar
qualquer compromisso».

«Por isso tu vê's
na rua passar
a gente, correndo,
que vai trabalhar».

Coitados dos pobres
que dêles seria,
se em casa ficassem
enquanto chovia?!...»

«Os ricos até
teem de sair,
pois têm, também,
dever's a cumprir».

Então
o Juca jurou
jâmais caçoar
da gente que vjêse
na rua passar,
enquanto caísse
a chuva...

||||| FIM |||||